

"A AMAZÔNIA É NOSSA"¹

Haydée de Carvalho ²

Às autoridades presentes, Sras. e Srs., ilustres colegas:
Inicialmente, desejo agradecer a honra do convite que recebi para participar deste importante evento.

Gostaria de falar sobre a Amazônia, mas sem empregar certos termos técnicos, como biodiversidade, política sustentável, ecossistema, internacionalização e outros mais que são comumente usados quando este assunto é tratado. Os termos simples são para mim os mais simpáticos...

Apesar de viver tão distante do Amazonas, onde nasci, tive-o sempre em meus pensamentos e ligado à minha vida. E a prova disso é o meu livro mais recente, "Amazônia - A Saga de uma Família", em cuja orelha se lê "... mas a idéia deste trabalho há muito estava presente, viva, completa, na mente da escritora. Idéia que nasceu da profunda saudade que envolveu o coração daquela menininha triste, na hora da partida. O tempo correu, a criança tornou-se adulta e aquela dor íntima tornou-se cada vez mais forte". E agora, aqui estou, comovida pela oportunidade que este Encontro me ofereceu, de vir em busca do passado...

Ofereço também o ensejo de externar publicamente a minha grande preocupação com o que vem ocorrendo com relação à Amazônia, preocupação maior ante a evidente cobiça que anda hoje pelo mundo, voltada para a grandiosidade desta região. Todos os olhos estrangeiros estão permanentemente voltados para cá. Na ânsia de desenvolver-se e de enriquecer mais e mais, de ter mais poderio, os países do primeiro mundo não se acautelaram e dilapidaram as próprias reservas naturais ao longo dos anos. Agora ricos, mas estarrecidos, voltam-se para as nossas. Todos querem sua fatia, seu quinhão. E é triste constatar que, há cobiça também, por parte de nossos vizinhos. Dada a vulnerabilidade de nossas fronteiras, para estes é muito fácil transpô-las e carregar nossas riquezas minerais,

¹ Sobre sua última obra, lançada no II Encontro de Escritores do Norte do Brasil, realizado no Palácio da Cultura (Boa Vista/RR), dias 19 e 20.10.95.

² Escritora, Membro da Academia Roraimense de Letras

nossas madeiras, principalmente as nobres, para exportá-las para a Inglaterra e outros países da Europa, usufruindo os lucros como se propriedade sua o fossem.

Por várias vezes, os países desenvolvidos têm vindo - consentidamente (é bom que se diga), instalar-se na Amazônia como em seu próprio território. Trazem projetos mirabolantes e enganosos, como foi o caso da Ford e do americano Ludwig. Depois, quando a ganância não lhes traz os resultados previstos, abandonam tudo, deixando um rastro de devastação incalculável em glebas imensas, que nunca mais serão recuperadas, porque ali o equilíbrio da natureza foi irremediavelmente quebrado. Mas nada os detém; e continuam as falácias, os ardis e as fraudes. O abuso é tão marcante que singularmente, eles mesmos nos chegam a pedir desculpas pelo dano causado, como foi recentemente o caso do Banco Mundial.

É justo reconhecer que a nossa passividade incita-os a agir assim. Não somos como as abelhas que, atacada a colmeia para lhes roubarem o mel precioso, enxotem os intrusos a ferroadas. É quando eles fogem ferrados, inchados, cheios de dor, elas ainda saem voando atrás deles...

Prezados colegas escritores. É a vocês que nesta hora crítica me dirijo especialmente. Nesta hora, quando nos revoltamos ante a inércia, o desinteresse, o menoscabo a indiferença pela sorte da Amazônia. A vocês, repito, porque somos detentores de uma poderosa arma - a palavra. Usemos esta arma para espalhar por toda parte a indispensável advertência de que o mundo não sobreviverá se a Amazônia for devastada. Formemos com as palavras um coro de alertas contra as tecnologias prodigiosas e endinheiradas com que nos acenam de fora. Não é disto que a Amazônia precisa, mas sim atenção, respeito e preservação consciente. E nós, brasileiros, somos capazes disso. Só necessitamos de uma conscientização exata, honesta, e de amor pela Amazônia. Usemos nossa palavra para condenar aqueles que matam os rios, promovem queimadas brutais e contínuas, inundam o solo e derrubam as matas. Lembremo-lhes que a Natureza não se defende: vingá-se. E eles serão inapelavelmente vítimas de suas próprias ações, pois a quebra do equilíbrio natural da Amazônia transformará o continente numa nova África, desértica, estéril e miserável !

Ergamos a nossa voz para dizer ao mundo: DEIXEM A AMAZÔNIA EM PAZ ! Deixem o nosso caboclo viver sossegado; ele sabe

conviver com a natureza tirar dela o seu sustento sem molestá-la. Deixem nosso índio em paz ! Eles são os donos da terra e têm seu próprio modo de viver. Não queiram modificá-los, introduzindo nas malocas o álcool, o tabaco, os tóxicos, as armas de fogo, a perversidade, a mentira e as doenças. E, por favor, não lhes tirem as crenças nem as tradições, impingindo-lhes novos conceitos a título de civilizá-los!

Lembremo-nos de Monteiro Lobato, que por toda a sua vida lutou pela autonomia do nosso petróleo. "O petróleo é nosso ! O petróleo é nosso !" - foi o lema inesquecível que ele espalhou por todo o mundo.

Pois agora seremos nós, os Escritores do Norte, que tomamos o bastão e vamos espalhar pelos quatro cantos da terra, a verdade da nossa causa. Através de nossos livros, de jornais, revistas, em panfletos, nas palestras, nas reuniões, nos encontros, vamos dizer a todo o mundo que de agora em diante, esta é a nossa bandeira, este será o nosso lema.